

## Serviços e comércios avançam no primeiro semestre; indústria cai

# Indústria sofre forte queda, comércio e serviços avançam

Economistas apontam tendência de desaceleração no segundo semestre, mesmo com inflação contida e corte do juro

**RAFAEL VIGNA**  
rafael.vigna@zerohora.com.br

Depois de encerrarem 2022 no campo positivo, os três principais setores se descolaram do ambiente de retomada após os momentos mais críticos da pandemia da covid-19, em 2020 e 2021. No acumulado de janeiro a junho deste ano, o movimento de recuperação virou uma imagem que se distancia no espelho retrovisor.

Com a atividade econômica outra vez no controle exclusivo do ritmo, a indústria gaúcha despensa 6% (variação muito abaixo da média nacional, que é de -0,3%), enquanto comércio e serviços se mantêm em crescimento. O primeiro, com alta de 1,2%, em linha com a média nacional de 1,3%, e o segundo com avanço de 7,5%, superando em 2,8 pontos percentuais o desempenho do Brasil em igual período.

Os dados são de pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) até junho e divulgadas na semana passada. Em resumo, há uma palavra que define o atual momento e, na avaliação de economistas, deverá marcar também o segundo semestre: desaceleração. Isso deve ocorrer mesmo com a melhora das perspectivas, caso da inflação mais contida e do início de um ciclo de redução da taxa básica de juro.

### Dinâmicas

A partir daqui, cada segmento reassume suas próprias dinâmicas. Nesse contexto, restringir a análise ao descontrolado de preços e encarecimento do crédito, tal como ocorria antes, pode deixar perguntas sem respostas. É o que afirma a economista-chefe da Fecomércio-RS, Patrícia Palermo, ao alertar que, nos serviços, por exemplo, há uma parcela que corresponde à demanda das empresas e outra que se alinha ao desempenho do comércio, ou seja, o consumo das famílias.

No Brasil e no Estado, esses setores não conseguem sustentar crescimento prolongado no decorrer dos meses. Significa que alteramos altos e baixos, ao mesmo

tempo em que há um quadro de desaceleração. Essa volatilidade nos leva para taxas menores do que as do passado – argumenta.

A economista lembra: não se deve achar que avanços de 7,6%, no RS, e 6,2%, no Brasil, no acumulado de 12 meses seja algo “desprezível”. Mas pondera que, na mesma base de comparação, a essa altura do ano passado, as altas eram de 16% no Estado e 10,5% no Brasil. Segundo Patrícia, o exemplo sustenta a percepção de que existe menor efeito de recuperação da demanda, o que acabou por determinar concentração maior no consumo de serviços do que na compra de produtos.

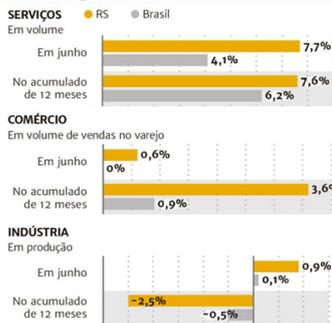
### Migração

Oscar Frank, economista-chefe da Câmara dos Dirigentes Lojistas de Porto Alegre (CDL-Porto Alegre), concorda com o efeito migração – da compra de produtos para o consumo de serviços –, mas pondera que o fenômeno ainda reflete o impacto da pandemia. Ou seja, na medida em que houve melhora do quadro sanitário e as pessoas se sentiram mais confiantes, a demanda acabou mais direcionada para os serviços em detrimento dos bens.

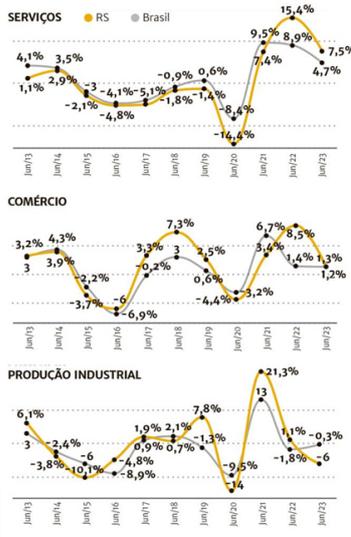
No caso da indústria, o economista-chefe da Federação das Indústrias do Estado (Fiengs), Giovanni Baggio, afirma que o setor gaúcho, focado na produção de bens de capital (equipamentos e que servem para a produção de outros bens ou serviços), é “duplamente penalizado” pelo atual patamar da taxa Selic, pois nessas condições também sofre efeitos do aperto na demanda interna, que deixa de realizar novos investimentos.

Observa ainda que houve impactos momentâneos, como a paralisação da refinaria de Canoas, a Refap, durante quase todo o primeiro semestre, que responde por 3,2 pontos percentuais – mais da metade – da composição do índice cheio de -6% acumulado até junho.

### O desempenho



### DESEMPENHO NO PRIMEIRO SEMESTRE DE CADA ANO



Obs.: os gráficos não guardam proporção entre si. Fonte: IBGE

### Impactos

#### SERVIÇOS

• **No momento:** mesmo com desempenho positivo, a sensação é de desaceleração, ainda que com intensidade menor do que a verificada no comércio.

• **No futuro:** segue com desempenho superior ao de bens, ofertados pela indústria e pelo comércio. Esse comportamento deve se manter, pois desde a pandemia, na medida em que houve melhora do quadro sanitário, a demanda foi mais direcionada a serviços do que a produtos.

#### COMÉRCIO

• **No momento:** os segmentos mais dependentes da renda do consumidor, como supermercados, farmácias e combustíveis, tiveram desempenho melhor do que os mais ligados a condições de crédito, o que demonstra que o juro alto e a inadimplência elevada provocaram maior retração no consumo de produtos de maior valor.

• **No futuro:** ainda que a inflação esteja menor, a alta de preços foi elevada nos últimos anos e houve grande aumento do endividamento e o comprometimento do orçamento das famílias. Esses fatores determinam que melhorias mais expressivas devem ocorrer só a partir de 2024.

#### INDÚSTRIA

• **No momento:** escassez de demanda interna, por desaceleração da atividade, juro elevado e incerteza no campo fiscal deixam empresários reticentes em fazer investimentos. É o cenário externo – com desvalorização do dólar frente a outras moedas, como o real, prejudica as exportações.

• **No futuro:** inflação está desacelerando, o que permitiu que o Banco Central começasse a redução da taxa de juro, e as incertezas no campo fiscal diminuíram. Esses elementos, somados às cadeias produtivas já ajustadas e menores custos de insumos, podem fazer a confiança do empresário melhorar, embora ainda haja insegurança no setor.

Fontes: Giovanni Baggio, economista-chefe da Fiengs; Patrícia Palermo, economista-chefe da Fecomércio-RS; e Oscar Frank, economista-chefe da CDL-Porto Alegre.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

**Seção:** Economia Gaúcha